

Dr. Robert A. Peterson, O Espírito Santo e a União com Cristo, Sessão 7, Fundamentos para a União com Cristo, Antigo Testamento e Sinóticos

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre o Espírito Santo e a União com Cristo. Esta é a sessão 7, Fundamentos para a União com Cristo, Antigo Testamento e Sinóticos.

Enquanto continuamos pensando sobre os fundamentos do Antigo Testamento para a união com Cristo sob a incorporação ao povo de Deus, temos uma pequena seção sobre o servo sofredor.

Enquanto Davi é o último mediador significativo da aliança no Antigo Testamento, os profetas prenunciam um mediador da aliança vindouro que será tanto um Rei Davídico, Isaías 9, 6 e 7, quanto um servo sofredor. Isaías 9, 6, Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o governo estará sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento do seu governo e da paz, não haverá fim, sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o manter em juízo e com retidão, desde agora e para sempre.

E caso pensemos que isso vai acontecer pela vontade ou poder humano, o Senhor acrescenta por meio do profeta, o zelo do Senhor dos exércitos fará isso. Então, o mediador da aliança que virá será um Rei Davídico, mas também um servo sofredor. Este servo deve ser uma luz para as nações, funcionando como alguém que representará não apenas Israel, mas todos os povos da terra, Isaías 49 e 6 nos diz.

É algo muito leve que você seja meu servo, para levantar as tribos de Jacó e trazer de volta os preservados de Israel, Isaías 49, 6? Eu farei de você uma luz para as nações, para que minha salvação alcance os confins da terra, citado por Lucas no livro de Atos quando o evangelho vai para os gentios. Assim, ele irá reprová-lo, não apenas me desculpar. Assim, ele representará não apenas o Israel étnico como Abraão, mas todos os povos como Adão. Ele não virá como um rei reinante, mas será Isaías 53:3 e 4, pelo menos em sua primeira vinda.

Ele foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e familiarizado com o sofrimento. E como alguém de quem os homens escondem o rosto, ele foi desprezado, e nós não o estimamos. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas dores, mas nós o estimamos aflito, ferido por Deus e aflito.

Ele foi, os versículos 5 e 6 de Isaías 53 nos dizem, traspassado por nossas transgressões, esmagado por nossas iniquidades. Sobre ele estava o castigo que nos trouxe paz, e com suas feridas fomos sarados. Todos nós, como ovelhas, andávamos desgarrados; cada um se desviava pelo seu próprio caminho, e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

Em sua humilhação, o servo funciona como um mediador da aliança, tomando a punição que seu povo merece por seus pecados para que muitos possam ser considerados justos. Isaías 53:11. O apóstolo, porque muitos serão considerados justos, ele fará com que muitos sejam considerados justos, e ele levará as iniquidades deles.

Isaías 53:11. O apóstolo Pedro o identifica para nós nas palavras de Isaías 53 em 1 Pedro 2 versículos 21 e 24. Pedro cita a profecia de Isaías e a aplica diretamente ao Senhor Jesus.

Pois para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por vós, deixando-vos exemplo, para que sigais as suas pisadas. Ele mesmo, versículo 24, levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que morrêssemos para o pecado e vivêssemos para a justiça. 22, ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano, é uma citação de Isaías 53.

Dissemos três grandes figuras no fundamento do Antigo Testamento da união com Cristo. A primeira era a identificação. A presença de Deus dá ao seu povo uma identificação.

Eles são o seu povo, e ele é o seu Deus. A segunda é a incorporação. Eles se tornaram um povo da aliança, um povo da aliança coletiva.

O terceiro é a participação. O povo de Deus do Antigo Testamento compartilha da história da aliança. Estamos unidos a Cristo como membros de seu corpo e somos incorporados nele como o mediador supremo da aliança.

Também participamos de Jesus e de sua história. Morremos com ele, fomos ressuscitados com ele, Colossenses 2:20, Colossenses 3:1, e nos sentamos com ele, Efésios 2:6. O Antigo Testamento não fala nesses termos, mas tem um conceito semelhante de participação na história de Deus quando Deus inclui seu povo em sua história. Embora essa ideia se torne mais explícita no Novo Testamento, o Antigo Testamento vê o povo de Deus como aqueles que participam da narrativa que Deus escreve por estarem em relacionamento com ele por meio de alianças.

Este princípio de participação diz respeito aos conceitos que já estudamos. Quando a presença da aliança de Deus faz seu povo e dá a seu povo uma identidade, eles experimentam sua presença e, portanto, participam de sua história. Então, por

exemplo, quando Deus faz uma aliança com Abraão e sua semente, ele os incorpora ao seu povo, e Abraão, Isaque e Jacó conhecem a Deus e o amam enquanto andam com ele em fé e obediência.

Em certo sentido, os santos do Antigo Testamento experimentam a presença de Deus e pertencem ao seu povo como um antegosto da união com Cristo desfrutada pelos santos do Novo Testamento. Há mais. O Antigo Testamento também contém passagens nas quais Deus promete colocar seu espírito dentro de seu povo.

Consideraremos dois deles. Ezequiel 36:24 a 28. Esta passagem é uma passagem da nova aliança sem usar essas mesmas palavras, mas é uma passagem da aliança do Novo Testamento em virtude das ideias transmitidas.

Ezequiel 36:24 a 28. Eu vos tirarei dentre as nações, e vos reunirei de todos os países, e vos trarei para a vossa própria terra. E aspergirei água limpa sobre vós, e ficareis limpos de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos.

Eu vos purificarei, e vos darei um coração novo e um espírito novo porei dentro de vós, e removerei o vosso coração de pedra da vossa carne e vos darei um coração de carne e porei o meu espírito dentro de vós e farei com que andeis nos meus estatutos e tenhais cuidado de obedecer às minhas regras. Habitareis na terra que dou a vossos pais, e sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Aqui, Deus promete trazer Israel disperso de volta à sua terra.

Por quê? Para vindicar sua santa reputação e mostrar às nações vizinhas que ele é o Senhor. Ezequiel 36:22, 23 e até 36, que não lemos. Ele fará mais do que isso.

Ele fará mais do que reunir. Ele também os purificará de seus pecados. Versículos 25, 29, 33.

Ele fará isso dando um novo coração e espírito. As palavras de Ezequiel se aproximam da doutrina do Novo Testamento sobre regeneração no versículo 26. Eu lhes darei um novo coração e um novo espírito porei dentro de vocês.

Eu removerei o coração de pedra da sua carne e lhe darei um coração de carne. Isso resultará em obediência renovada ao Senhor--versículo 27.

Este é um importante pano de fundo do Antigo Testamento para a habitação corporativa de Deus em seu povo. Um tema do Novo Testamento conectado à união com Cristo. Ezequiel 37:11 a 14.

Então o Senhor disse a Ezequiel, filho do homem: Estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que, dizem eles, os nossos ossos estão secos, e a nossa esperança está perdida. Estamos realmente cortados.

Portanto, profetiza e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas e vos farei sair delas, ó meu povo. E vos trarei para a terra de Israel.

E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as vossas sepulturas e vos levantar das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei dentro de vós o meu espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra. Então sabereis que eu sou o Senhor.

Eu falei, e farei isso, declara o Senhor. Ezequiel 37 continua o tema que começou no capítulo anterior. Ezequiel conta como as coisas acontecerão pelo poder sobrenatural de Deus que dá vida.

Ezequiel vê um vale de ossos secos e, em obediência a Deus, profetiza a eles. À palavra do profeta, os ossos chacoalham e se juntam e são cobertos com tendões e carne. Novamente, à palavra de Ezequiel, o fôlego entra nos cadáveres, e eles ganham vida e se levantam, constituindo um grande exército.

Versículos 1 a 10. Isso retrata Deus recriando seu povo disperso e trazendo-o de volta à sua terra. Versículos 12 e 14.

Mais uma vez, as palavras de Ezequiel prefiguram o ensino do Novo Testamento — versículo 14. Porei meu espírito dentro de vocês.

Você viverá. Você saberá que eu sou o Senhor. Eu falei.

Eu farei isso. Deus vivificará Israel morto e disperso, dando e colocando seu espírito dentro deles. No Pentecostes, Deus vivifica seus santos do Novo Testamento, colocando seu Espírito Santo dentro deles.

Chegamos ao fim dos fundamentos do Antigo Testamento para a doutrina do Novo Testamento de união com Cristo. É hora de concluir. É anacrônico dizer que o Antigo Testamento ensina união com Cristo.

Em vez disso, ele o prenuncia. O primeiro é a identificação. Deus se identifica com seu povo no Antigo Testamento por meio de sua presença na aliança.

Ao fazer isso, ele lhes concede uma identidade. Ele é o Deus deles, e eles são o seu povo. Essa identidade prenuncia a união com Cristo na nova aliança como a presença da aliança de Deus por excelência.

Também prenuncia a identidade dos santos do Novo Testamento como aqueles em Cristo. Segundo, incorporação. Deus incorpora um povo escolhido em um povo da aliança.

Eles se relacionam com Deus por meio de um mediador da aliança. No Antigo Testamento, estes incluem Adão, Noé, Abraão, Moisés e Davi. No entanto, o mediador da aliança por excelência vem na forma de alguém que é tanto rei davídico quanto servo sofredor, Jesus Cristo.

Por sua mediação em sua morte, ele faz expiação pelos pecados de seu povo e, em sua ressurreição, os torna vivos para Deus. Ele virá uma segunda vez não para sofrer, mas para reinar como o filho de Davi por excelência. Terceiro, participação.

O povo de Deus participa da história da aliança. Prenunciando a maneira como a igreja está no Novo Testamento participará da morte e ressurreição de Jesus. Isso acontecerá quando as profecias do Antigo Testamento sobre o Espírito Santo forem cumpridas em Jesus e seu ministério, incluindo o Pentecostes.

Em última análise, o Antigo Testamento estabelece a base para a compreensão do ensino do Novo Testamento sobre a união com Cristo. Fundamentos da união com Cristo nos Evangelhos Sinóticos. Mais uma vez, dou crédito ao meu antigo assistente de ensino, Kyle Keating, por muitas boas pesquisas e até mesmo pela escrita.

Os Evangelhos Sinóticos nos apresentam Jesus de Nazaré. Nazaré. Todos eles testificam que Jesus é o Cristo de Deus, o Messias que salvará Israel e se tornará uma luz para as nações.

Compare Lucas 2:32. Se o Antigo Testamento denuncia a união com Cristo, então os Evangelhos Sinóticos são um lugar razoável para começar a procurar a união com Cristo no Novo Testamento, pois eles contam a história de Jesus. No entanto, há poucas referências à união com Cristo nos Sinóticos.

Por quê? Primeiro, os Evangelhos se concentram mais em contar a história de Jesus do que em tentar explicar suas implicações como ensino didático. Onde as doutrinas fazem uma aparição, elas frequentemente o fazem indiretamente como parte da história, em vez de como doutrinas em si. Segundo, o contexto histórico-redentor dos Evangelhos Sinóticos significa que a maioria de suas narrativas precede a morte e ressurreição de Cristo.

Se a união com Cristo é uma doutrina enraizada na morte e ressurreição de Cristo, então seria incomum esperar uma explicação completa antes que esses eventos ocorressem. No entanto, ambas as explicações são verdadeiras para o Evangelho de João também, que tem muito mais referências à união do que os Sinóticos. Por quê? Todos os textos de João que claramente se referem à união com Cristo são exclusivos dele e parecem ser extraídos de fontes únicas.

Além disso, as diferenças temáticas entre os Evangelhos Sinóticos e João sugerem um foco diferente. Enquanto João foca na relação entre Jesus e o Pai e Jesus e seu

povo, os Sinóticos passam menos tempo aqui focando em outros temas como o Reino de Deus ou o cumprimento do Antigo Testamento por Jesus. Então, o que os Sinóticos dizem sobre a união com Cristo? Eles apontam para o estabelecimento real daquilo ao qual os crentes estão unidos.

Quando dizemos que os crentes estão unidos a Cristo, a questão implícita é: quem é esse Cristo? Os Sinóticos respondem a essa questão, apresentando a identidade e a missão de Jesus. Os Sinóticos então estabelecem o fundamento teológico para a união com Cristo. Além disso, eles estabelecem o real fundamento histórico redentor para a união.

Eles nos mostram a obra redentora de Cristo aplicada a nós em união com ele. A união é estabelecida através dos mesmos três conceitos que vimos no Antigo Testamento — identificação em Jesus como Emanuel e noivo.

Incorporação por meio de Jesus como mediador da aliança por excelência. Participação na história de Jesus. Vou repeti-los antes de passarmos por eles um de cada vez.

Identificação em Jesus como Emanuel e noivo. Incorporação por meio de Jesus como mediador da aliança por excelência. E três, participação na história de Jesus.

Identificação em Jesus como Emanuel e noivo. Jesus como Emanuel. Os Sinóticos aludem à união com Cristo em termos de identificação quando apresentam Jesus como Emanuel.

No Antigo Testamento, vimos que Deus se identifica com seu povo por meio de sua presença de aliança com eles. Encontramos esse tema de identificação por meio da presença de Deus no Evangelho de Mateus também. Mateus cita Isaías 7:14 e o aplica ao nascimento de Jesus.

José fica perplexo quando descobre que Maria está grávida e pensa em se divorciar dela silenciosamente até que um anjo traz uma mensagem de boas-vindas. Sinta-se à vontade para se casar com ela, José. O que foi concebido nela é do Espírito Santo, Mateus 1:20 a 23.

E você o chamará pelo nome de Emanuel, que significa Deus conosco. Mateus apresenta Jesus como a presença de Deus com seu povo. Mais duas vezes, Mateus faz o mesmo.

Em Mateus 18:19 a 20, Jesus diz, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo o que eu ordenei a vocês. E eis que eu estou sempre com vocês. Até o fim dos tempos, Mateus 28:19 e 20.

Charles Quarles, QUARLES, Charles Quarles tira uma implicação importante. Mateus 1:23, a declaração de Emanuel e Mateus 28:20 servem para colocar entre parênteses todo o Evangelho. A promessa de que Jesus está conosco no início do Evangelho é finalmente cumprida na garantia de Jesus, Eu estou com vocês sempre, até o fim dos tempos, no fim do Evangelho.

Charles L. Quarles, uma teologia de Mateus, Jesus revelado como um libertador, rei e criador encarnado. Essas duas promessas da presença de Jesus entre seu povo encerram uma terceira promessa. Citação, onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.

Citação próxima, Mateus 18:20. Novamente, Quarles explica, “assim Mateus 18:20 é um elemento de uma tríade, afirmando a presença de Deus com seu povo na pessoa de Jesus.”

Deus se identifica com seu povo visitando-o na pessoa de Jesus, antecipando assim a união com Cristo e seu espírito residente. Jesus como noivo. Outro relato de Mateus e Marcos usa o símbolo do casamento para mostrar como Jesus se identifica com seu povo.

Mateus 9:14 e 15 merece ser lido. Então os discípulos de João foram até Jesus, perguntando por que nós e os fariseus jejuamos, mas os teus discípulos não jejuam? E Jesus disse-lhes: Podem os convidados do casamento chorar enquanto o noivo está com eles? Dias virão em que o noivo lhes será tirado, e então jejuarão. Jesus usa imagens de casamento para mostrar as implicações de sua presença entre eles.

Ouçá o comentário de DA Carson sobre Mateus. “A resposta de Jesus foi implicitamente cristológica. Ele mesmo é o noivo messiânico.” Mas se Jesus é o noivo, quem é a noiva? Na imagem do Antigo Testamento, o noivo é Yahweh e seu povo, Israel a noiva. Compare Isaías 62:5, Oséias 2:19 e 20.

Isaías 62:5, Oséias 2:19 e 20. Da mesma forma, Jesus apela a si mesmo como o noivo e seu povo, a igreja, como sua noiva. Paulo pega a mesma imagem conjugal que veremos em Efésios 5:25, 27, 1 Coríntios 6:15 a 20, 2 Coríntios 11:1 a 5. Isso é Efésios 5:25, 27, 1 Coríntios 6:15 a 20, 2 Coríntios 11:1 a 5. Embora o resultado dessa imagem seja obra de Paulo, as palavras de Jesus estabelecem seu fundamento.

Jesus é o noivo, e a igreja é sua noiva. Ele se identifica com seu povo como o noivo se identifica com sua noiva no dia do casamento. Incorporação por meio de Jesus como mediador da aliança por excelência.

Então, vemos o tema da identidade, Jesus se apresenta com seu povo e seu ser noivo com seu povo implícito, seu povo, a igreja; sua presença com eles os identifica como

o povo de Deus. Agora, a incorporação traz esse sotaque comunitário que vimos no Antigo Testamento. Incorporação por meio de Jesus como mediador da aliança por excelência.

Os Sinópticos retratam Jesus como o mediador supremo da aliança, o representante supremo do povo de Deus. Vimos mediadores da aliança em incorporação no Antigo Testamento. Os Sinópticos apresentam Jesus como o novo e maior Israel.

Na transfiguração, quando Pedro sugere que ele, Tiago e João façam três tendas para seus convidados, Moisés, Elias e Jesus, Deus interrompe. Lucas 9:34, 35. Rapaz, ele interrompe.

Peter, você está dando a impressão errada de novo. Mestre, é bom para nós fazermos três tendas aqui. Nossa.

Um para você, um para Moisés, um para Elias. Não sabendo o que ele disse, Lucas acrescenta. Enquanto ele dizia essas coisas, Lucas 9:34.

Uma nuvem veio e os cobriu, a nuvem da presença divina, e eles ficaram com medo quando entraram na nuvem. E uma voz saiu da nuvem dizendo, este é meu filho, meu escolhido. Ouçam-no.

E quando a voz falou, Jesus foi encontrado sozinho. É a voz do Pai explicando a identificação de Jesus. Ele é o próprio filho de Deus, o escolhido.

Moisés e Elias, representando a lei e a citação dos profetas, falaram de sua partida, que ele estava prestes a realizar em Jerusalém, versículo 31. É uma referência fascinante. Eu me referi a ela em uma palestra anterior.

Não dá para traduzir uma palavra de duas maneiras. A palavra partida é literalmente êxodo. É a partida de Jesus deste mundo, sua morte.

Mas sua partida deste mundo e sua morte por crucificação é seu êxodo. Esse é o antítipo para o qual o evento do Antigo Testamento da grande libertação do Egito da escravidão egípcia foi o tipo que apontou para a grande redenção que somente Cristo realizaria para seu povo de uma vez por todas. As palavras filho de Deus, este é meu filho, o pai disse do céu, retratam Jesus de uma maneira semelhante ao Israel do Antigo Testamento sendo filho de Deus, assim como Jesus, como representante de Israel, é o Messias.

O segundo título, ele é meu filho, meu escolhido, confirma essa conclusão. Assim como Israel é o povo escolhido de Deus, Jesus é o escolhido de Deus, o Messias, que representará Israel como o único israelita perfeitamente fiel. Darrell Bock é conciso.

“Quando se juntam os dois títulos, filho de Deus, escolhido, Jesus é identificado como o servo messiânico,” Darrell Bock, Baker's exegetic commentary on the New Testament, Luke, volume one. Como o Messias, Jesus é o mediador da aliança por excelência.

Ele é o mediador supremo da aliança que se coloca como representante do povo de Deus pela eternidade. Por meio de uma geração no começo, por meio de uma genealogia no começo de seu evangelho, Mateus liga Jesus a Davi e Abraão, como vimos, Mateus um, um a 17. Tanto Davi quanto Abraão foram mediadores da aliança do Antigo Testamento.

A genealogia de Mateus mostra que Jesus é um mediador da aliança do mesmo tipo que Abraão e Davi, mas ele é maior do que eles. Quarles resume Mateus um, um, “Jesus Cristo, o filho de Davi, o filho de Abraão. Jesus é o novo Davi, nosso Rei. Ele é o cumprimento da aliança de Deus com Davi. Jesus é o novo Abraão, nosso fundador. Ele cumpre a aliança de Deus com Abraão ao criar um novo povo escolhido composto de judeus e gentios que serão santos como Deus é santo e que servirão como uma luz para as nações.”

Jesus não é apenas um mediador da aliança, mas ele é o mediador da nova aliança profetizada pelos profetas do Antigo Testamento, como Jeremias 31 e, como vimos, Ezequiel 36 e 37. Durante a última ceia, Jesus parte o pão dizendo: este cálice é a nova aliança no meu sangue, Lucas 22:19 e 20. Jesus inaugura a nova aliança da qual ele é mediador com sua morte e ressurreição, seladas e celebradas na Ceia do Senhor.

Todos os três evangelhos sinóticos estabelecem as credenciais messiânicas de Jesus. Não há dúvida ao final de cada um deles de que Jesus é o Messias seguindo os mediadores da aliança anteriores, Adão, Noé, Abraão, Moisés e Davi, mas maior do que todos eles juntos. Implícita nessa identificação de Jesus como Messias está a realidade de que, como um mediador da aliança, ele representa o povo de Deus.

Os sinóticos fornecem uma fundação para a união com Cristo quando estabelecem Jesus como o mediador da aliança a quem o povo de Deus se une e por quem eles são representados. Então, como no Antigo Testamento, vemos nos evangelhos sinóticos. Primeiro de tudo, o tema da identidade.

Jesus identifica seu povo consigo mesmo como o povo de Deus, e então com a incorporação implícita nas palavras de Jesus sobre si mesmo e seus papéis como mediador da aliança e servo sofredor é sua incorporação de seu povo como o povo de Deus como indivíduos, é claro, mas também como um corpo, como seu corpo, a igreja, como Paulo tornará explícito. Terceiro, participação na história de Jesus. Nosso terceiro tema do Antigo Testamento reverbera nos evangelhos sinóticos.

Os evangelhos sinóticos pintam uma descrição vívida da história de Jesus, desde sua encarnação até sua ressurreição. A linguagem da participação vis-à-vis união com Cristo significa que compartilhamos sua história. Ou seja, participamos dos eventos que moldam a história da vida de Jesus na Terra.

Assim, como os Sinóticos descrevem a história de Jesus, eles nos mostram a história da qual também participamos. Os Sinóticos contam a história de Jesus em termos do que ele realizou na história. Se a participação garante o compartilhamento do trabalho que ele realizou, qual é esse trabalho? Os sinóticos apresentam a concepção virginal e a encarnação de Jesus.

Mateus 1:18-25. Lucas 1:26-38. Lucas 2:6-7.

Não creio que lemos isso. E, estando eles lá em Belém, chegou o tempo de Maria dar à luz. E deu à luz seu filho primogênito, e envolveu-o em faixas, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.

Mateus diz que este é nomeado, e tanto José quanto Maria foram instruídos a chamá-lo de Jesus, que significa Salvador ou o Senhor salva porque ele salvaria seu povo de seus pecados. O eterno Filho de Deus se tornou um ser humano em Jesus de Nazaré. A tradição cristã entendeu desde os seus primeiros dias que a encarnação de Jesus é única, mas estabelecendo um tipo de união entre o humano e o divino.

Os teólogos usam o termo hipostática, ou união pessoal, para descrever a relação entre as naturezas divina e humana de Jesus. O Filho divino tomou para si uma natureza humana. Ele é doravante uma pessoa com duas naturezas, uma divina e uma humana.

As duas naturezas estão unidas em sua pessoa e, portanto, sua união é pessoal ou hipostática. A união que o povo de Deus tem com Cristo não é idêntica a essa união hipostática única. Não somos os homens-Deus, mas a união hipostática abre caminho para ver como a divindade pode condescender com a humanidade e estabelecer uma união entre os dois.

A encarnação única do Filho de Deus é a base para nossa união com ele na salvação. Ele, o Filho eterno, não tomou para si um homem, mas sim uma natureza humana dentro do ventre da Virgem Maria. Ela era sua mãe e contribuiu para ele o que toda mãe contribui para seu filho: DNA e cromossomos.

Ele nasceu assim como seu filho primogênito, mas sempre foi o Filho eterno de Deus. A encarnação diz que o Filho eterno se tornou um ser humano, não adotando um ser humano existente, mas tomando uma natureza humana dentro do ventre de Maria e nascendo como Deus e homem em uma pessoa. Essa encarnação torna possível nossa união com ele.

Os Sinóticos introduzem a encarnação, mas focam na morte e ressurreição de Jesus. É a esses eventos que Paulo tão frequentemente diz que os cristãos estão unidos. Mateus, Marcos e Lucas contam a história na qual as epístolas de Paulo dizem que os crentes participam.

Conclusão para os Evangelhos Sinóticos. Esta breve pesquisa sobre a união com Cristo nos Evangelhos Sinóticos revela que a união como uma doutrina, um ensinamento formal, não está presente. Em vez disso, encontramos uma imagem da união apresentada em um sentido histórico-redentor.

Os Sinóticos revelam a identificação da pessoa a quem os crentes estão unidos na salvação. Os três primeiros evangelhos narram os eventos que Paulo mais tarde nos contará que eles participam. Os Sinóticos retratam Jesus como Emanuel, Deus conosco, representando a morada final de Deus com seu povo, que em virtude de sua vida sem pecado, morte e ressurreição, ascensão e segunda vinda inaugurará a morada cósmica final de Deus com seu povo enquanto a nova Jerusalém desce do céu para a terra e então o céu e a terra serão um.

Isso só é possível por causa da morte e ressurreição de Jesus, e elas só são possíveis por causa de sua encarnação, a pré-condição essencial de sua obra expiatória e triunfante, junto com sua vida sem pecado, é claro. Os sinóticos retratam Jesus como Emanuel e simbolicamente o apresentam como o noivo, ilustrando sua identidade com seu povo por meio de sua presença com eles. Os discípulos, meus discípulos, não podem jejuar enquanto o noivo estiver com eles.

Chegará um tempo em que o noivo os deixará, e então eles jejuarão. Ah sim, e o noivo não os deixará sozinhos, mas enviará o Espírito Santo, que, entre outras coisas, os unirá formalmente a Cristo na salvação individual e corporativamente. Os Sinóticos descrevem Jesus como o mediador da aliança além de todos os mediadores da aliança, o mediador da aliança por excelência, que incorporará os crentes em uma nova comunidade da aliança, a igreja cristã.

Finalmente, eles contam a história de Jesus e chamam os crentes para segui-lo, para participar de sua história como discípulos. No final dos Evangelhos, os eventos fundamentais para a união com Cristo foram estabelecidos. O próximo passo no desdobramento de Deus do fundamento para a união com Cristo é que essa união seja promulgada na vida da igreja.

É para isso que nos voltamos agora no livro de Atos. Fundamentos da união com Cristo em Atos. Mais uma vez, Kyle Keating foi meu parceiro, trabalhador e ajudante para este bom material.

A união não começa com Paulo. Vemos fundamentos para a união com Cristo no Antigo Testamento, nos Evangelhos Sinóticos e agora em Atos. Apesar da ênfase na salvação tanto no Evangelho de Lucas quanto em Atos, a ênfase tende a ser no que da salvação em oposição ao como da salvação.

Atos é narrativo e orientado por discurso e não um ensino didático direto como as Epístolas. Portanto, é entender mal a intenção do texto perguntar se ele ensina uma dada doutrina. Sem dúvida, toda escritura tem o objetivo de ensinar o povo de Deus, mas devemos levar em conta o gênero de Atos, o gênero, ao avaliar se Lucas explica a doutrina da união com Cristo.

Em Atos, vemos os mesmos três conceitos dos dois títulos anteriores: identificação, incorporação e participação. Identificação, incorporação, participação. Identificação no ministério do Espírito Santo e, notavelmente, dramaticamente, na conversão de Paulo.

Incorporação no rito do batismo. Participação na repetição da história de Jesus e no uso que Lucas faz do servo sofredor de Isaías. Identificação no ministério do Espírito Santo e na conversão de Paulo.

O conceito de identificação como um subconjunto da união com Cristo. Ele aparece no ministério do Espírito Santo e nos relatos no livro de Atos da conversão de Paulo de ser o maior perseguidor da igreja para um grande proponente da igreja. Identificação no ministério do Espírito Santo.

De uma perspectiva histórico-redentora, o Pentecostes estabelece a fundação do livro de Atos. Pedro, em seu sermão de Pentecostes, passa o ministério de Jesus para a igreja enquanto o Espírito Santo prometido cai sobre as pessoas. Em seu evangelho, Lucas foca no Espírito Santo no nascimento de Jesus, embora o Espírito apareça em dois outros lugares-chave também.

Lucas destaca a prefiguração de Jesus do Pentecostes, Lucas 11:13, e a garantia de Jesus da orientação do Espírito aos discípulos sobre o que dizer quando confrontados. Ambas as coisas prenunciam a experiência dos apóstolos em Atos ao enfrentarem a perseguição. As palavras de Jesus no evangelho de João também preparam a chegada do Espírito no Pentecostes.

Jesus diz que é bom para ele ir, para que o Consolador possa vir, João 16:7. Ele tomará o que é Jesus e o declarará aos discípulos, versículo 15. Após o Pentecostes, o Espírito mediará entre Cristo e os apóstolos, tomando a revelação de Cristo e dando-a a eles. Pedro, em seu sermão de Pentecostes, diz: a este Jesus Deus ressuscitou, e disso todos nós somos testemunhas.

Sendo assim exaltado à direita de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, ele derramou isto, que vocês mesmos estão vendo e ouvindo, Atos 2:32 e 33. Jesus derrama seu Espírito sobre seu povo no Pentecostes, cumprindo a predição do Antigo Testamento da promessa da nova aliança, citação, Porei meu Espírito dentro de vocês, citação próxima, Ezequiel 36:27. Lucas não explica os detalhes do Pentecostes, mas o resto do Novo Testamento o faz.

Robert Lethem explica um aspecto do Pentecostes, “O Espírito viria para habitar os crentes e uni-los a Cristo.” O livro de Letham, *Union with Christ in Scripture, History and Theology*. Assim, em termos redentor-históricos, o Pentecostes marca o anúncio público da habitação do Espírito e o início de seu ministério de unir pessoas a Cristo.

O restante do Novo Testamento explica o que está acontecendo nos bastidores em Atos, unindo os crentes a Cristo. Assim, o Pentecostes funciona como um pré-requisito histórico-redentor para o ministério do Espírito. É o momento em que Deus se identifica com seu povo, identificação novamente, habitando-os com seu Espírito, e o Espírito se envolve em um ministério desempacotado no restante do Novo Testamento, e esse ministério é conhecido como União com Cristo.

Identificação na conversão de Paulo. Há conexões significativas entre a conversão de Paulo, especialmente em Atos 9, e a teologia de suas cartas, incluindo União com Cristo. Por exemplo, Romanos 11, que é uma biografia, desempenha um papel explícito em seu pensamento teológico.

Saulo de Tarso viaja para Damasco para perseguir os cristãos. No caminho, ele fica cego ao encontrar o Cristo vivo. Quem és tu, Senhor?, pergunta Saulo.

Eu sou Jesus, a quem você persegue, versículos 4 e 5. A chave aqui é a autoidentidade de Jesus. Primeiro, ele se identifica como o Deus da teofania. Segundo, Jesus se identifica com a igreja infante.

Por que você está me perseguindo?, Jesus pergunta a Saulo, que sem dúvida está começando a ficar realmente perplexo. David Peterson, cujo grande comentário sobre Atos é um dos meus favoritos, diz que o Cristo ressuscitado viu a perseguição de seus discípulos como um ataque a si mesmo, identificando-se claramente com a igreja. Aqueles que estão unidos a Cristo pela fé sofrem como ele sofreu, e ele se identifica com eles em sua luta.

Fechar citação. Como Campbell diz em seu livro, *Paul and Union with Christ* quote, o catalisador original para o desenvolvimento da teologia de união com Cristo de Paulo pode ser visto como as palavras de Paulo, como as palavras de Jesus, desculpe, a Paulo na estrada de Damasco . Fechar citação.

O relato de Lucas sobre o Pentecostes e o relato de Lucas sobre a conversão de Paulo pintam um quadro da autoidentificação de Jesus com seu povo que Paulo explica mais tarde e experimenta usando o conceito de união com Cristo. Ele explica e expande usando o conceito de união com Cristo. Incorporação no rito do batismo cristão.

O aspecto de incorporação da união com Cristo aparece no livro de Atos principalmente como batismo em nome de Jesus. O batismo funciona como a marca de entrada no povo de Deus, uma marca que se estende tanto a judeus quanto a gentios. No final de seu sermão de Pentecostes, Pedro ordena, versículo 238, arrependam-se e sejam batizados, cada um de vocês, em nome de Jesus para o perdão dos seus pecados, e vocês receberão o dom do Espírito Santo.

Versículo 41, aqueles que receberam sua palavra indica que Pedro inclui fé por implicação em seus comandos para se arrepender e ser batizado. O versículo 41 fala daqueles que receberam sua palavra. Lemos de volta e implicamos que o comando para se arrepender era arrependimento crente, isto é, fé se afastando do pecado, arrependimento, se voltando para Cristo como ele é oferecido no evangelho, fé.

É uma inferência legítima. O versículo 41, aqueles que receberam sua palavra, indica que Pedro inclui a fé por implicação nos comandos para se arrepender e ser batizado. Mas Pedro propositalmente resume a resposta do evangelho como arrependimento e batismo.

Arrepender-se implica; arrependimento implica o reconhecimento da multidão de que eles rejeitaram Jesus. Versículo 23, enquanto o batismo inclui fé e funciona como uma mudança na fidelidade, as multidões judaicas já foram inimigas de Jesus. Eles agora são batizados nele.

Assim, o batismo se torna a marca da filiação à aliança na nova aliança, o sinal de incorporação em Jesus e, portanto, em seu povo. Atos carece da linguagem típica de Paulino em Cristo. O mais próximo que vemos de um paralelo está na discussão de Lucas sobre o ministério em nome de Jesus.

Pelo menos 12 vezes ao longo de Atos, Lucas usa a frase para se referir ao ministério dos apóstolos, especialmente na cura e no batismo. Craig Keener observa que as pessoas sendo batizadas em seu nome designavam de quem seriam os seguidores. *Atos de Keener, um Comentário Exegético*.

Não podemos deduzir que Lucas pretendia expressar união com Cristo em Atos. O batismo é a manifestação física do arrependimento e da fé, bem como a incorporação à igreja. O batismo, em nome de Jesus, não é tanto uma formulação de união com Cristo, mas uma declaração de propriedade.

O batismo em Atos declara, entre aspas, este é o batismo de Jesus, e aqueles que são batizados em nome de Jesus são seus seguidores. Precisamos encerrar por enquanto e retomar em nossa próxima palestra quando falarmos sobre a participação na repetição da história de Jesus em Atos e o uso que Lucas faz do servo sofredor de Isaías.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre o Espírito Santo e a União com Cristo. Esta é a sessão 7, Fundamentos para a União com Cristo, Antigo Testamento e Sinóticos.